


Anderson Hernandes

The background of the cover is a warm, golden sunset. In the center-left, the silhouettes of a man and a child are shown. The man is standing and lifting the child into the air, holding him by the arms. The child is in a horizontal position, with legs bent and feet pointing towards the right. The sun is a bright, glowing orb positioned behind the man's legs, creating a lens flare effect. The overall mood is tender and affectionate.

a vida de um
pai adotivo

a adoção de uma criança pelo
ponto de vista de um pai

Anderson Hernandes Batista

A VIDA DE UM

pai adotivo

A adoção de uma criança pelo
ponto de vista de um pai

1ª Edição

Copyright ©2008, by Anderson Hernandes.

Email: anderson@hernandes.com.br

REPRODUÇÃO AUTORIZADA PELO AUTOR DESDE QUE MANTIDO OS TEXTOS INTEGRAIS

Autor: Anderson Hernandes Batista

Capa: Renato Rodrigues

Projeto gráfico: Josafá Nunes

Revisão ortográfica: Michelle de Assis

Agradecimentos	05
Prefácio	06
<i>Poema: “Antes de Ser Pai”</i>	09
<i>Introdução</i>	11
<i>Capítulo 1 – Minha infância</i>	13
<i>Capítulo 2 – O sonho: “Ter um filho”</i>	17
<i>Capítulo 3 – A adoção no Brasil</i>	22
<i>Capítulo 4 – A decisão pela adoção</i>	28
<i>Capítulo 5 – Uma tragédia um ano antes</i>	34
<i>Capítulo 6 – O telefonema que mudou minha vida</i>	37
<i>Capítulo 7 – Os primeiros anos com minha Giovanna</i>	44
<i>Capítulo 8 – Menina</i>	47
<i>Capítulo 9 – Meu 2º filho “Claudinho”</i>	51
<i>Capítulo 10 – O preconceito existe?</i>	58
<i>Capítulo 11 – Os desafios e as alegrias da adoção</i>	62
<i>Conclusão – O Pai Adotivo</i>	71

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer primeiramente aos meus dois maravilhosos filhos que foram a inspiração para escrever esse livro.

Agradeço à minha esposa e companheira Ana, há doze anos está ao meu lado e me ajudou a construir uma família tão linda.

A minha mãe e meus irmãos que amo demais e participaram sempre dos nossos momentos felizes com meus filhos.

Ao meu pai que nos deixou em 2004, mas que teve um enorme significado na minha vida e infelizmente não pôde conhecer seus netos.

ADOTANDO A ADOÇÃO

Nem sempre compreendi a grandiosidade de se amar um filho não biológico, não como se biológico fosse, mas com ainda mais amor, mais dedicação.

Já cheguei, vão idos muitos anos, a ser muito preconceituosa em relação à adoção, acreditando que ela era uma solução apenas para quem não podia gerar filhos biológicos. Evidentemente que quem não pode gerar os próprios filhos tem a adoção como solução, mas muitas pessoas que não podem gerar filhos não optam pela adoção ou, se o fazem, postergam tal decisão por tanto tempo ou fazem tantas escolhas quanto ao filho ideal, que acabam não adotando, mas enganando a si mesmos de que desejam uma adoção.

Apreendi como é amar um filho não biológico com as centenas de pais e mães adotivos que conheci desde que passei a trabalhar como psicóloga judiciária e, mais especificamente, quando, por algum motivo, me engajei na causa do apoio à adoção. Confesso que nem sei porque o fiz. Apenas sentia que existia uma lacuna

no trabalho de adoção e essa lacuna tinha que ser preenchida por um grupo de apoio. Como esse grupo não surgia, eis que eu e outras parceiras de outras entidades que trabalhavam com adoção, resolvemos criar um grupo que, como na época imaginávamos, seria para alguém levá-lo adiante. Claro que alguns novos parceiros, especialmente pais adotivos, surgiram e passaram a adotar o grupo conosco, mas jamais abandonamos nosso filho: o GEAA-SBC. Cuidamos dele até hoje, com o mesmo carinho e dedicação que faríamos com um filho: um filho adotivo.

Com o GEAA-SBC entendemos, de verdade, o que é o sofrimento de uma criança preterida por todos; o que é o sofrimento de quem não pode gerar filhos e passa a gestar, simbolicamente, por anos a fio, um filho que ninguém sabe quando nascerá e com quem se parecerá; como é a alegria de casais mais maduros e experientes que já criaram seus filhos e optaram por serem pais novamente, mas pela modalidade da adoção; como é a alegria de uma criança que, talvez pela primeira vez, ao invés de chamar a pessoa mais amada que possui na vida de TIA, vai poder chamá-la de MAMÃE ou PAPAÍ.

Acreditem, isso não é pouco. Como disse, não sei porque me engajei no trabalho de apoio à adoção. Só sei porque não pretendo deixar esse trabalho. Além de

poder ajudar muita gente a fazer escolhas sensatas, necessárias, “legais”; de proporcionar que tais escolhas ocorram com o menor sofrimento possível e com a maior dose de alegria e gratificação possíveis, sinto que um pouquinho de cada alegria, de cada satisfação, de cada encontro bem sucedido que, por menor que tenha sido minha participação ajudei a promover, tais sentimentos permanecem dentro de mim. O sofrimento e a decepção de uma criança sem chance a uma família também são sofrimentos que guardo, ao menos em parte, comigo. Justamente por conseguir sentir, imaginar, vislumbrar, ao menos um pouco, a dor de uma criança e para ajudar outras crianças a não sofrerem as mesmas rejeições e dores é que continuo nessa luta. Por isso, adotei a adoção.

Marta Wiering Yamaoka, psicóloga judiciária do Fórum de São Bernardo do Campo, coordenadora técnica do GEAA-SBC - Grupo de Estudos e Apoio à Adoção de SBC, especialista em Psicologia Jurídica pelo CRP 06, com vasta experiência em grupos terapêuticos e comunitários.

“ANTES DE SER PAI”

Antes de ser pai eu dormia a noite inteira e nem sabia o quanto isso é tão importante

Antes de ser pai eu não pisava nos brinquedos espalhados pela casa e tinha ciúmes das minhas coisas

Antes de ser pai eu desfrutava do happy-hour no fim da tarde após um dia inteiro de trabalho

Antes de ser pai eu raras vezes ia ao médico na calada da noite

Antes de ser pai eu podia comer sempre que tinha fome

Antes de ser pai eu nem conhecia uma história infantil

Antes de ser pai eu não sabia que existiam backyardigans, Lasytown e Barney

Antes de ser pai eu olhava os filhos dos outros e pensava como eles podem ser tão mal educados

Antes de ser pai eu não imaginava que uma criança poderia ser tão inteligente e nem tampouco que ela pudesse ter sentimentos

Antes de ser pai eu nunca imaginei que uma criança poderia me amar tanto, apesar de todos meus defeitos

Anderson Hernandez

Antes de ser pai eu não sabia que alguém tão pequenino poderia trazer uma felicidade tão grande ao dizer a palavra pai.

Anderson Hernandez

INTRODUÇÃO

Sempre pensei em como poderia ajudar às pessoas a conhecerem melhor os desafios, a experiência e as alegrias de adotar uma criança através do ponto de vista daquele que lutou muito para alcançar esse objetivo.

Assim, este livro faz parte de um projeto pessoal, que visa informar e incentivar a adoção de crianças. Nele compartilho as alegrias e os desafios que tive nos últimos anos com a adoção de meus dois filhos.

Tenho dois filhos adotivos, um casal que hoje tem três e quatro anos respectivamente. A diferença de idade entre eles é de apenas sete meses, por isso consideremos que o trabalho de criação deles é como criar irmãos gêmeos.

Apesar de meus dois filhos não terem nenhum parentesco, pois vieram de pais biológicos diferentes, eles se parecem muito fisicamente, tem o mesmo tom de pele, cor de cabelo, altura, e são muito unidos.

No entanto, a personalidade deles é bem diferente e temos de educá-los de forma personalizada para atender às necessidades de cada um.

Inúmeros casais sofrem com a impossibilidade de conceber um filho biológico, mas desconhecem como adotar uma criança ou tem medo de adotar uma criança pensando que não terão os mesmos sentimentos que desenvolvemos por um filho biológico. Assim espero que por compartilhar as alegrias desses momentos tão maravilhosos que tenho passado com meus filhos possa auxiliar casais a tomarem a mesma decisão que, tomei e assim derivar da mesma alegria.

Para mim, dizer que adotei meus filhos seria uma injustiça com eles por todas as alegrias que me dão, portanto costumo dizer que eu fui adotado como pai, por isso o título escolhido para esse livro.

Assim, espero que apreciem minha experiência e alegria, pois ela é apenas mais uma de milhares de pais, que um dia tiveram a oportunidade de serem adotados por seus filhos.

CAPÍTULO 1

MINHA INFÂNCIA

“A base de todo indivíduo é formada na infância. Assim, por dedicarmos nosso tempo e esforços estaremos dando o melhor para o futuro dele.”

Anderson Hernandez

Sou o filho do meio de uma família de três irmãos, na qual nossa diferença de idade são de sete e nove anos respectivamente. Meus irmãos e eu tivemos uma infância normal, cheia de expectativas, com uma criação e educação maravilhosa dada por nossos pais.

Nunca tivemos acesso a luxos que outras crianças tinham em nossa época, apesar disso, nunca nos faltou nada. Meu pai sempre economizava muito e isso refletia no entretenimento que tínhamos acesso, como vídeo game, bicicleta e outros.

Da minha infância me lembro de muitos detalhes, até de coisas que para nossos filhos hoje são comuns, mas que me marcaram. Lembro-me, por exemplo, quando ganhei meu primeiro brinquedo. Considerava realmente maravilhoso, era uma caixa de *Playmobil* com 11 bonequinhos, fiquei durante meses maravilhado com ele.

Recordo também, da primeira vez que meu pai nos levou no Mc Donalds. Foi um acontecimento, tinha cerca de 10 anos e passei semanas programando aquele dia. Até aquele momento na minha vida eu nunca tinha ido lá. Nosso pai não costumava sair para comer fora, como é tão comum hoje e até hoje me lembro com detalhes daquele dia.

Minha Mãe

A minha mãe teve um papel fundamental na criação da nossa família, uma vez que ela passava a maior parte do tempo conosco, cuidando dos meus irmãos e de mim. Nossos valores e princípios foram bem moldados de acordo com a educação recebida por ela.

Desde cedo freqüentei favelas perto da minha casa, pois tinha muitos colegas que moravam lá. Assim nunca tive pudores ou preconceitos de tais locais. Obtive acesso às mais variadas famílias e problemas, casais pobres e miseráveis que criavam seus filhos precariamente. Apesar da minha pouca idade já entendia a desigualdade econômica e sentia muita dó daquelas crianças.

Meu pai

Meu pai sempre foi um exemplo para nós em muitos aspectos. O que mais vem a minha mente é o fato de que sempre foi muito trabalhador e desde muito pequeno me motivou a trabalhar. Ele dizia que o jovem deveria começar trabalhar bem cedo, para ter responsabilidades e isso de certo modo me ajudou a ser responsável muito precoce na vida. Aos 12 anos já realizava trabalhos informais e aos 14 já era registrado em uma empresa como Office-boy.

Em 2004 papai nos deixou vítima de atropelamento. Hoje, enquanto escrevo esse capítulo faz quatro anos que papai se foi e ainda sinto muito a sua falta. Entristeço com o fato de dele não ter tido a alegria de ter conhecido seus netos, uma vez que

acompanhou nossa luta e espera para adotá-los. Nosso segundo filho nasceu antes dele nos deixar, mas como só o adotamos anos depois da sua partida ele não pôde conhecê-lo.

A morte dele foi algo que mexeu muito comigo e dediquei um capítulo adiante para falar mais detalhes sobre isso.

Não há como desconsiderar que aquilo vivenciado na infância tenha um papel fundamental em nossa vida, por isso dou muito valor à infância dos meus filhos, pois será a base do futuro deles. Muito se fala sobre dar aos filhos a melhor educação, colocá-los nas melhores escolas, mas nada substitui o tempo que dedicado e a conversa que temos com eles, assim, temos que oferecer o melhor de nós a esse respeito.

CAPÍTULO 2

SONHO: “TER UM FILHO”

Casei-me muito cedo. Aos vinte anos de idade, assim como quase tudo em minha vida foi precoce. Para muitas pessoas, casar cedo demais é um dos fatores que levam a infelicidade no casamento, pois como o casal tem pouca experiência na vida, surgem dificuldades difíceis de enfrentar. Mas este não foi nosso caso, até porque sempre aprecio compromissos e responsabilidades e tinha uma vida de casado normal, repleta de alegrias e bons momentos, contrastando com algumas dificuldades, assim como qualquer outro casal.

Após alguns anos de casamento, minha esposa e eu pensamos na possibilidade de termos um filho. Como já tínhamos apreciado muitas alegrias sozinhos, pensamos que nos faltava algo e decidimos: ela iria engravidar. Assim, interrompemos os métodos contraceptivos e aguardamos. Ouvimos relatos que os efeitos do anticoncepcional pudessem durar por vários meses, deste modo, mesmo depois de um ano, não estávamos alarmados com o fato dela não engravidar. Mas, o tempo foi passando e a tão sonhada gravidez não veio, e ficamos muito apreensivos com a situação.

Depois de algum tempo, minha esposa passou a buscar explicações dos impedimentos da gravidez e assim realizou diversos exames para investigar as causas. Nenhum exame que ela realizou foi conclusivo para apontar os verdadeiros motivos e tomei a decisão: Verificar se o problema era comigo.

Depois de realizar um exame descobri: Eu é que tinha um problema. O médico explicou que poderia ser revertido, prescreveu medicamentos e algumas recomendações. Mas o tempo foi passando e o resultado não veio, assim buscamos outros especialistas.

Toda vez que procurávamos um novo médico tínhamos de repetir alguns exames e isso tornava a situação ainda mais dolorosa. Tratar problemas de infertilidade do homem é muito mais difícil do que da mulher, pois os remédios disponíveis, muitas vezes a base de hormônio nem sempre dão resultados esperados.

Um erro inicial e muito comum entre pessoas que buscam tratamento sobre fertilização é procurar médicos que não são especialistas. Isso ocorreu conosco, até que um dia a minha esposa leu um livro, de um dos maiores especialistas em reprodução humana do Brasil. Na busca de soluções, entramos em contato e marcamos uma consulta com ele. Esse profissional, muito atencioso, pediu novos exames e trinta dias após, tínhamos os resultados. Retornamos para uma nova consulta, depois de avaliar-los, ele nos deu uma notícia difícil, a de que nossas chances de engravidar, mesmo pelas vias assistidas eram menores de 5%. Naquele momento o mundo desmoronou sobre nossas cabeças, saímos de lá arrasados e não conseguíamos entender como isso podia ter acontecido conosco. Parecia que tínhamos uma vida muito feliz, apenas sentíamos que faltava a presença de um filho.

Como todos os outros médicos nos deram uma visão diferente da desse especialista ficamos chocados com aquele diagnóstico, achando que ele estava errado, mas as suas explicações foram muito convincentes.

Lembro-me de diversas vezes chorar sozinho à noite na beira da cama, devido à impossibilidade de ter um filho e ainda ser o responsável pelo problema. Essa decepção até desencadeou uma doença psicossomática na minha pele na qual passei meses em tratamento.

De modo similar, minha esposa também passou por um período difícil, ficou muito triste e quase entrou em depressão. Numa de nossas conversas sobre o assunto levantei a hipótese da adoção, mas ela simplesmente se revoltou. Seria como se eu tivesse proposto cometer um crime juntos. Entendo como deve ser difícil para uma mulher não poder gerar e amamentar um filho. A palavra filho está diretamente ligada à gravidez e não a criação. Até mesmo os comerciais de TV sempre enfocam uma mãe amamentando, pois é isso que nos remete a ligação de pais e filhos. Diante disso compreendo como é que uma mulher se sente numa situação como essa.

Depois de algum tempo, minha esposa acordou e disse: “Vamos dar entrada nos papéis para a adoção”. Fiquei surpreso, pois fazia muito tempo que não falávamos sobre o assunto, mas como a minha opção era pela adoção não hesitei e fui atrás dos procedimentos para o cadastro.

Antes de compartilhar como foi nossa experiência vou comentar um pouco sobre a adoção no Brasil.

CAPÍTULO 3

A ADOÇÃO NO BRASIL

Aqueles que decidiram um dia adotar uma criança sabem que o processo de adoção não é uma tarefa fácil. São diversos documentos a serem levantados, além de entrevistas e atestados médicos. Isso serve para selecionar candidatos capazes de suprir as necessidades de crianças, cuja realidade, na maioria das vezes, é bem diferente daquelas que são criadas por seus pais biológicos.

Quando uma criança é disponibilizada para adoção, normalmente ela já passou por diferentes fases que marcam a sua vida, independentemente de ser recém nascida ou não. Afinal por que estaria disponível para adoção se não fosse por grandes problemas familiares que tenha passado na sua vida? Portanto, abandono, rejeição, maus-tratos, violência doméstica, fome, excessiva pobreza, agressão moral e violência sexual são algumas das coisas que ocorrem em suas vidas. Os maus-tratos às crianças incluem dezenas de tratos absurdos para nós. Muitas são vitimas de abusos físicos, que incluem agressões e torturas como queimar os filhos com cigarros, apertar dedos com alicates, espancamento e muito mais. Algumas crianças são mantidas em cárcere privado, acorrentadas ou amarradas dentro de casa ou simplesmente deixadas sozinhas sem qualquer supervisão. Outras pequeninas assistem seus genitores manterem relações sexuais ou até mesmo são vitimas de abuso sexual dentro da sua própria casa. Além disso, existem aquelas que são abandonadas em abrigos ou até

mesmo sobreviveram à tentativa de assassinato por seus próprios “pais”.

As pessoas ficam horrorizadas quando algo assim é veiculado pela mídia, mas tais acontecimentos, diferentemente do que se imagina, são comuns. Basta dar uma olhada nos abrigos infantis para encontrar essa realidade. Estudos mostram que 18% das crianças são vítimas de abandono e 12% de maus tratos. Isso sem mencionar aquelas que foram vítimas de abusos emocionais. Tais pais biológicos não têm a mínima noção de quão danoso é submeter essas criaturinhas a tais abusos, por vezes se compromete toda a vida delas. É por isso, várias crianças precisam de acompanhamento psicológico por longo período após a adoção.

Quando, finalmente o poder público consegue retirar essas crianças de suas casas, normalmente elas são entregues às instituições ou abrigos de menores, com o objetivo de por pouco tempo lá, sejam encaminhados para novas famílias adotivas que passaram pelo processo de cadastramento e aprovação do Fórum.

O Brasil é um país onde existem grandes diferenças sociais e econômicas. Assim, surgem famílias que têm padrão de vida bem abaixo da linha da pobreza. Simplesmente algumas não têm o que comer. A baixa escolaridade, aliada à pobreza, fez com que surgissem pais desinteressados ou sem condições para criar seus filhos. Assim, é comum vermos crianças e jovens simplesmente

vivendo nas ruas por não terem nem atenção e cuidados por suas famílias.

O Estado tem a obrigação social de cuidar das crianças e adolescentes e isso é garantido por lei. Mas a realidade é outra, pois não existe suficiente estrutura para cuidar de todos que vivem em condições subumanas. Com isso, quando uma família reconhece que não pode dar cuidados para seus filhos eles simplesmente não têm acesso para entregá-los ao Estado e conseqüentemente muitas delas passam a maltratar. Isso ocorre especialmente nos Estados de maiores desigualdades sociais.

Além disso, no Brasil existem dois lados de um problema, de um lado prospectivos pais que não podem ter filhos, e do outro, filhos que não têm pais. No meio existe uma enorme lacuna de espera, com dificuldades e burocracia. Exemplificando: para adotar uma criança do sexo feminino, branca, com até seis meses de vida, sem problemas físicos ou mentais, padrão de preferência entre casais pretendentes, a espera pode demorar até dez anos.

Como a grande maioria de pretendentes a adoção no Brasil são pessoas que não puderam ter filhos biológicos, eles já passaram anos esperando e só então pensam na possibilidade de terem um filho adotivo. Isso ocorre porque nem sempre existem campanhas que promovam a adoção, o que é triste, pois quando há um caso de um abandono de bebê veiculado através da mídia jornalística ou de crianças adotivas em novelas, existe um aumento

substancial de prospectivos pais buscando pelos processos de adoção.

Entre as crianças sem pais e os pais sem crianças existe um processo burocrático e lento. Assim é lamentável que para adotar uma criança um prospectivo adotante tenha de esperar tanto tempo. O processo é tão demorado que muitas vezes os candidatos até perdem a esperança de conseguirem adotar. Mas o motivo da demora não é porque não existem crianças disponíveis, e sim porque elas passam anos nos abrigos até estarem aptas a serem adotadas. Um pai ou mãe biológicos que maltratam seus filhos muitas vezes só perdem a guarda definitiva da criança depois de constatado que ela corre risco de morte. Ainda assim têm amplo período para defender-se. Com isso a criança passa, por vezes anos nos abrigos e só quando está bem mais velha é que começam a buscar-lhes pais adotivos. Como as faixas de idade preferida pelos adotantes são de até dois anos as demais tem maior dificuldade de reingressar em uma nova família, sendo que algumas das crianças não conseguem. Estudos comprovam que 61% das crianças nos abrigos estão entre 6 e 15 anos de idade.

Mesmo depois do inicio do processo de adoção, o desfecho pode levar muito tempo, o que deixa os pais adotivos muito apreensivos. Além de todos os cuidados que os pais devem ter com o seu novo filho, durante algum tempo convivem com a possibilidade, de os perderem para os pais biológicos.

Diante de tudo isso, podemos afirmar de forma concludente que adotar uma criança no Brasil não é uma tarefa fácil e requer paciência, amor e muita coragem. Muitas vezes ouço pessoas afirmarem que gostariam de adotar uma criança, mas não sabem nem por onde começar. Até para nós, que já estávamos bem informados, antes de ingressar no cadastro para adoção, levamos cerca de quatro meses só para reunir documentos e sermos aprovados para entrar na fila de espera. Pais com menores condições financeiras e pouco acesso a informação e auxílio de advogados têm mais dificuldades, para conseguir a adoção legal. Apesar dos obstáculos envolvidos para a adoção legal, sempre opte por ela, pois dará garantias futuras contra qualquer pleito de terceiros em relação à criança. Aceitar que alguém lhe dê uma criança sem que haja garantias legais é muito arriscado, pois uma vez tendo estabelecido laços amorosos a dor da separação pode ser irreparável.

Diante de todo esse cenário, só resta esperar, que as mudanças a serem introduzidas com o novo cadastro nacional de adoção, possam facilitar o acesso a crianças especialmente nos Estados de maior concentração de pretendentes. Com isso, acredito que teríamos avanços significativos desse problema social e na alegria de pais e filhos.

CAPÍTULO 4

A DECISÃO PELA ADOÇÃO

É comum casais que desejam adotar uma criança criem o estereótipo da criança perfeita. Com isso em mente, visitam os abrigos e lá encontram dezenas de crianças com idade média de quatro anos, morenas, cabelos curtos (para evitar piolho) e sujas, pois afinal passam o dia brincando nos espaços de recreação desses locais. Muitas delas têm atrasos de desenvolvimento, pois não tem estímulos individuais suficientes nessa idade tão importante. A carência delas é algo que se destaca, sendo que pessoas se assustam e se sensibilizam quando visitam os abrigos pela primeira vez, com tantas crianças pedindo por colo. Por essas e outras razões, muitos casais pretendentes, quando vêem essas crianças têm a impressão que nenhuma delas se encaixa em seus padrões. Infelizmente isso atrapalha muito as possibilidades de felicidade entre pais e filhos adotivos, pois o estereótipo de criança perfeita é um erro que impede a felicidade.

Aqueles que adotaram sabem que a felicidade é independente de raça, cor, idade e características físicas. Um mês depois de adotadas e cuidadas essas crianças em nada se parecem com o que eram, pois há uma transformação em suas vidas delas que as tornam diferentes.

Assim, para adotar uma criança antes de tudo é preciso preparar o coração, pois é verdade: eles serão filhos do coração. É preciso estar preparado para enfrentar desafios e lidar com incertezas. É preciso estar desprovido de altas expectativas e estar preparado

para dar amor, muito amor, porque carência afetiva é o que mais elas têm.

Qualquer pai e mãe sabem que criar um filho é uma enorme responsabilidade e exige muita dedicação. Mas, criar um filho adotivo requer ainda mais, pois a expectativa que se tem é muito maior e a carência afetiva das crianças é tanta, que muitas vezes, os pais se sentem sugados. Portanto, é preciso estarem preparados para dar o seu melhor e ser super-pai e super-mãe.

A procura pelo nosso filho

Quando tivemos nosso processo de cadastramento aprovado, fomos informados que o processo de adoção para uma criança com as características físicas que pedimos levaria cerca de três anos. Procuramos não ser muito exigentes, pois isso poderia tornar o processo mais lento. Nesta época fazia cerca de oito anos que estávamos esperando pelo nosso filho e pensar que poderia levar mais três era algo que não nos agradava. Mas, não tínhamos alternativa, portanto decidimos esperar.

Em seguida, comecei a me informar o máximo que podia, sobre a adoção e pessoas que haviam adotado. Acabei lendo vários *blogs* e li relatos de muitas famílias, inclusive de algumas que adotaram crianças fora do estado de São Paulo. Assim, fizemos contatos com pessoas nos estados de Minas Gerais, Bahia, Maranhão e Rio Grande do Sul, em busca de uma criança com menos idade e com disponibilidade de adoção imediata. A idéia, era que se não

conseguíssemos, tinha a garantia de sermos chamados em São Paulo, assim não havia nada a perder.

Algumas mães que não podem ou não querem criar um filho, dão seu bebê recém-nascido para outra família informalmente. Mas, essa não era nosso desejo para adoção, pois estávamos decididos a adotar legalmente.

Numa ocasião recebemos uma ligação, havia uma criança no interior de São Paulo que estaria disponível para ser adotada. Prontamente viajamos na madrugada do dia seguinte, e ao chegar lá descobrimos que a criança recém nascida era portadora do vírus HIV e sequer estava liberada pela adoção.

Neste mesmo dia, passamos à manhã na cidade e conhecemos um abrigo, lá havia diversas crianças, sendo que conhecemos quatro irmãos compostos de três meninos e uma menina com diferença de idade de apenas um ano para cada um deles, ou seja, uma escadinha de crianças.

Fomos até o Fórum, e lá fomos informados que poderíamos adotá-los, se aceitássemos todos, pois o Juiz não aceitava separação. Achamos que seria demais para pais inexperientes e dissemos que não. Confesso que fiquei sensibilizado com aquelas crianças. Porém, criar quatro crianças sem nenhuma experiência anterior, não considerava uma tarefa fácil e exigiria muito preparo e dedicação. Hoje, tenho certeza que tomamos a decisão acertada. Alguns meses depois, o Fórum nos ligou oferecendo separar duas

crianças, mas já havíamos adotado nossa filha. Assim explicamos os nossos motivos e eles procuraram outra família.

A questão de separar ou não irmãos é um dos entraves que existem para que a adoção seja mais rápida. Como poucos estão dispostos a aceitar adotar mais de duas crianças, elas ficam lá aguardando outros casais ou a possibilidade de separar as crianças para diferentes casais. Foi exatamente o que ocorreu no caso daquelas crianças.

Fizemos diversas tentativas em locais distantes e próximos. Por vezes fui atrás de possibilidades que nos foram levantadas e iniciamos contatos com diversas pessoas em diferentes estados que nos conheciam e outras que não.

Em determinado período, iniciamos contato no Estado do Mato Grosso que foi indicado por uma tia da minha esposa Ana que muito sensibilizada com nossa busca tentou ajudar. Ela estava até mais esperançosa que nós, pois parecia ser mais um dos muitos contatos que fizemos. Tomamos conhecimento de que uma mãe tinha três crianças vítimas de maus tratos e estava prestes a perder a guarda. Como as crianças precisavam de cuidados imediatos eles buscavam um casal para cuidar de cada uma delas. O juiz aceitava separar as crianças o que para nós parecia algo quase impensado. Nosso contato, uma senhora que não conhecíamos, intermediou com o conselho tutelar os procedimentos para que pudéssemos ficar com uma das crianças e ainda nos perguntou com qual das três gostaríamos ficar. Estava

muito fácil para acreditarmos que daria certo, mesmo assim optamos pela mais jovem delas, com meses de vida. Não tínhamos muitas informações, nem sequer conversamos com qualquer autoridade, mas fizemos o que nosso contato pediu e pela ânsia da adoção enviamos uma declaração via fax onde indicávamos que aceitaríamos ficar com a criança menor nas condições que ela estava, sem nenhum problema físico ou mental, mas que precisava de cuidados imediatos.

Pensando bem hoje, nem sei como é que aceitamos mandar o fax daquela carta, só sei que como estávamos tentando encontrar uma criança, foi uma das muitas tentativas. Mas não tivemos mais notícias e até perdemos esperança de receber resposta depois que passou um mês sem notícias.

Até que um dia, mais precisamente no dia 13 de Abril de 2005 recebemos um telefonema que mudou nossa vida. Mas antes de falar sobre isso quero voltar um ano no tempo.

CAPÍTULO 5

UMA TRAGÉDIA UM ANO ANTES

Era a manhã do dia 15 de Abril de 2004 e tudo parecia como outro qualquer. Estava trabalhando e cerca das onze horas e trinta minutos fui almoçar. Todos os detalhes do que aconteceu naquele dia estão muito bem vivos na minha mente. Minha mãe havia deixado um recado para que retornasse sua ligação com muita urgência e assim fiz, assim que cheguei do almoço. Foi neste momento que ela mencionou: “Andy, o papai não voltou...”

Bem, para compreender o significado dessa frase, vou falar um pouco de meu pai. Ele nasceu em 1943 e em 2004 tinha 61 anos. Seu porte físico não coincidia com sua idade, pois diariamente pedalava cerca de 20 quilômetros de bicicleta. Por incentivo dele e para aproveitarmos momentos juntos, eu o acompanhava cerca de três vezes por semana. A semana de quatorze de abril foi uma semana atípica nos nossos exercícios semanais. Por um motivo sem explicação, fui duas vezes naquela semana sozinho de bicicleta naquele trajeto, e naquela quinta-feira que comumente participava com ele acabei não o acompanhando.

Nosso trajeto era feito numa rodovia próxima de nossa casa onde diversas pessoas faziam semelhante percurso. Assim ele foi sozinho. No momento em que minha mãe me disse que papai não voltou, senti um enorme frio dentro de mim e imediatamente tive a sensação: meu pai havia morrido. Comecei a partir de então uma jornada de ligações para a empresa controladora da rodovia e

hospitais para saber se houvera atropelamento ocorrido nas imediações. Trinta minutos depois, recebi a informação de que acontecera um atropelamento e a vítima havia sido levada para um hospital próximo. Larguei tudo, fui correndo ao hospital e após encontrar o médico confirmei: meu pai havia sido atropelado e morto.

É incrível como sabemos que todos estão sujeitos ao imprevisto, mas é muito difícil aceitá-lo. Meu pai sempre foi meu companheiro e naquele momento estava vivendo uma fase que há anos não vivia com ele, pois conversávamos muito e éramos muito amigos. Várias incertezas me atormentaram durante muito tempo, como o fato de não ter tido contato com ele aquela semana e o modo como foi atropelado que nunca foi esclarecido. A morte é dura para todos nós. Porém, quando uma vida é interrompida por acidente ou outros inesperados fatores, a sensação que existe é de que a dor é maior.

Hoje, com o transcorrer dos poucos anos aprendi a conviver com a falta dele. Minha mãe que parecia ser a pessoa menos capaz de lidar com tudo, foi a que mais nos serviu de exemplo e a admiramos muito por isso.

De qualquer modo, todas as lembranças que guardo do meu pai são positivas e espero levá-las aos meus filhos.

CAPÍTULO 6

O TELEFONEMA QUE MUDOU MINHA VIDA

No dia 13 de Abril de 2005 recebemos uma ligação que mudou nossa vida, exatamente dois dias antes de completar um ano que meu papai nos deixou. Naquele dia nosso contato me ligou e declamou as seguintes palavras: “Anderson, você precisa vir para o Mato Grosso hoje, a sua filha está te esperando no hospital.” É muito difícil de explicar o que se passou pela minha cabeça naquele momento. A única coisa que consegui fazer foi pegar o nome da cidade e dizer que não poderia viajar no mesmo dia, mas que no dia seguinte seguiria o primeiro vôo para lá.

A adoção de uma criança nestas circunstâncias é atípica às circunstâncias normais dos processos de adoção. Normalmente, os pais pretendentes são chamados para conhecê-la, iniciar uma aproximação para tomarem então a decisão de candidatar-se ou não à adoção. No meu caso, simplesmente recebi uma ligação e tinha de decidir junto a minha esposa se íamos ou não adotar. Não sabia o nome da criança, o estado de saúde, a idade dela ou outras informações. Sabíamos apenas que era uma menina de cerca de cinco meses que estava em estado de desnutrição, internada sobre cuidados médicos e não tinha nenhum problema físico ou grave de saúde.

Desliguei o telefone e saí para comprar passagens. No caminho liguei para minha esposa e disse: “Ana, você está sentada? – Do outro lado da linha ouvi negativamente a resposta – Então senta, porque estou comprando as passagens para viajarmos ao Mato

Grosso e buscar nossa filha.” A Ana ficou simplesmente estática, sem ação.

Como não sabíamos qual seria o desfecho dessa história decidimos que não contaríamos para ninguém, nem aos nossos pais. Apenas fizemos as malas, informamos que íamos e fomos viajar.

No dia seguinte tomamos o primeiro vôo e descemos na capital Cuiabá, posteriormente fomos à cidade, que de tão longe só chegamos na madrugada do dia 15. Fui recebido pelo nosso contato e fomos até o hospital. O lugar era muito precário, a enfermaria infantil era uma sala de aproximadamente trinta metros quadrados, existiam cerca de quinze mães com suas crianças. Naquele momento presenciei uma das cenas mais emocionantes da minha vida. Nosso contato nos levou ao bercinho de uma criança e quando nos aproximamos vimos um bebê indefeso, com cinco meses de idade e pesando apenas 3.800 gramas. Ela aparentava um rostinho de fome, típico das crianças que vemos advindas de países africanos, era tão leve quanto uma criança recém nascida, não tinha cabelo, apresentava sofrimento e estava só de fralda. Mas apesar de tudo o que vimos, para nós ela era a mais linda. As palavras que ouvi naquele momento ainda ressoam na minha mente: “Essa é a sua filha”.

Aquela pessoa não tinha a compreensão do significado de suas palavras. Era a realização de um sonho e o fim de uma espera. Por alguns minutos fiquei olhado para o rostinho dela e veio-me à

mente que deveria registrar aquele instante tão especial. Assim tirei uma foto com meu celular.

Durante alguns minutos minha esposa ficou segurando-a em seu colo e em seguida deu-me para segurá-la. Olhamos bem o corpinho dela e vimos que ela estava bem, mas estava muito debilitada e com uma forte pneumonia.

No momento que a peguei no colo tudo mudou. É difícil de explicar, mas foi como se ela tivesse acabado de nascer e fosse minha filha de verdade. Não podia aceitar deixá-la ali desamparada.

É difícil explicar como essas coisas funcionam na mente de uma pessoa que adota uma criança, mas a sensação é como se ela sempre tivesse sido nossa filha desde que nasceu. Isso é estranho, pois não tive tempo de aprender a ser pai. Pais possuem nove meses para planejar cada detalhe, dos móveis às roupinhas do bebê. Até o cobertor que o bebê sairá do hospital é planejado. No hospital a mãe e o bebê recebem visitas de amigos e vão para casa com cuidados pessoais. Estávamos a milhares de quilômetros, em um lugar que não conhecíamos, nos tornando pais de um dia para o outro, pensando como faríamos para voltar para casa e levar um bebê que nem possuía nome.

Mesmo com todas essas incertezas no dia seguinte saí cedo para as compras e passei a comprar tudo para esse bebê. Apesar de ter cinco meses às roupinhas de recém nascido às vezes ficavam

grandes demais. As pessoas me perguntavam: Por que o bebê tinha tão pouco peso? Assim eu tinha que explicar de loja em loja. Após algumas horas de compras cheguei naquele hospital com tudo e lá permaneci por algumas horas esperando pela vinda da conselheira tutelar que iria nos dar maiores informações. Naquele momento, começamos a ficar com medo, porque não existia qualquer garantia de que poderíamos ficar com nosso bebê. Ela perguntou se tínhamos certeza de que estávamos dispostos mesmo a ficar com o bebê. Perguntei-me se ela não imaginava que se havíamos viajado tanto, não existia motivo para dúvida. Acho até que ela não estava plenamente segura de que poderia contar com nossa vontade de adotar aquela menina, mas fomos enfáticos e ela nos deu uma autorização de que podíamos ficar com o bebê.

Assinei os papéis e perguntei se naquele momento poderia tirar meu bebê dali. Olhou-me espantada e continuei explicando que havia reservado um quarto em um hospital particular e para lá fomos, onde ficou internada mais dois dias.

Depois de alguns dias com o bebê decidimos o nome dela e passamos a chamá-la de Giovanna. Assim que saímos do hospital passamos um medo enorme de perder a nossa Giovanna. Não sabia como fazer para trazê-la para São Paulo, pois o Fórum ficava a dezenas de quilômetros de distância. Procuramos alguns advogados e um deles nos atendeu muito bem e resolvemos contratá-lo. O primeiro passo era dirigir-se ao Fórum e assim marcamos um horário. Chegando lá, para nossa surpresa o juiz

havia concedido guarda provisória da nossa filha. Voltamos maravilhados com aquilo, pois nem acreditávamos que já possuíamos a guarda dela. Tiramos uma cópia do processo e assim viajamos de volta para casa.

Foi somente naquele instante, com a certeza de que tudo estava encaminhado que ligamos para nossos parentes para dar a notícia. Todos ficaram felizes e surpresos, no dia seguinte estávamos de volta para casa.

Mamãe havia passado um ano muito difícil e era um momento ainda delicado. Sinceramente a julgar do que conhecia de minha mãe pensava que ela não seria capaz de conviver com a perda do meu pai, mas surpreendeu a todos e tem superado todos os problemas que passou.

Minha mãe foi a primeira pessoa que conheceu nossa filha quando voltamos para casa. Ela ficou mais de uma hora nos esperando em frente da minha casa até que chegássemos. Ela nem acreditava no que estava vendo quando a viu e ficou muito emocionada com nossa Giovanna.

Para nós foi um grande alívio quando finalmente chegamos à nossa casa, pois nos sentíamos protegidos da possibilidade de alguém nos tirar nossa filha. Em pouco tempo as pessoas ficaram sabendo que havíamos adotado uma menina e começamos a receber visitas. Até vizinhos que não tínhamos afinidade passaram

a partir daquele dia a nos tratar muito melhor. Mas tudo aquilo era apenas o começo.

CAPÍTULO 7

OS PRIMEIROS ANOS COM MINHA GIOVANNA

A Giovanna é uma criança incrível. Lembro-me de quando ela estava no hospital os médicos afirmavam que ficaria com alguma seqüela em virtude da desnutrição. Como aqueles médicos estavam enganados, pois é uma criança normal, tem três anos de idade e ao contrário da informação dada por eles, apresenta um avanço em relação a outras crianças da idade dela do ponto de vista da comunicação. Ela consegue argumentar como uma criança bem mais madura e tem rapidez no raciocínio que surpreendem.

Decidimos que nossa filha chamaria Giovanna, nome o qual não era o que a justiça havia determinado na certidão de nascimento original. É muito comum que os pais adotivos mudem o nome dos seus filhos. Muitas vezes tivemos de dar algumas explicações, como quando a levamos para consultas médicas e a outros locais. O mesmo ocorreu quando a colocamos na escola. Somente depois que o processo de adoção finaliza é que o juiz oficializa ao cartório para efetuar uma nova certidão de nascimento. E com ela não foi diferente. Estou muito feliz, por hoje ter em mãos a nova certidão de nascimento, com o nome que escolhemos e com os nomes dos pais e avós. Isso levou três anos para concluir.

Durante muito tempo a Gigi teve problemas para o seu cabelo crescer. Mesmo depois de engordar muito ela ainda era carequinha. Isso era um reflexo do enfraquecimento causado pela desnutrição. Hoje ela tem um cabelinho comprido, mas já mostrou que vai dar muito trabalho com “pranchinhas” quando se tornar

adolescente. Hoje, no entanto, temos apenas de conviver com o choro dela toda vez que precisamos fazer as trancinhas em seu cabelo devido ficar embaraçado após o banho.

Desde cedo Gigi já deu-nos indícios de que terá uma personalidade muito forte, além de possuir opinião própria. Com três anos ela já escolhe suas próprias roupas e decide com quem quer dormir. Mas apesar de ser assim, quando chamamos a atenção dela fica muito triste consigo mesma e prontamente nos pede desculpas. Com freqüência nos faz perguntas do tipo se estamos felizes com ela, talvez buscando aprovação pela filha que é.

Quando penso em todo o esforço que fizemos para adotá-la, sinto que faria tudo de novo. As alegrias que tivemos com ela não têm preço. Admiro-a muito apesar de tão pequenina ela trás uma felicidade enorme. Até quando está doente ela olha para mim e diz que vai ficar boa logo. Só de imaginar que mais um pouco ela não conseguiria ter sobrevivido fico emocionado.

Com a Gigi aprendi que os laços consangüíneos não têm ligação direta com a relação entre pai e filho. Apesar de não ter sido gerada por nós, temos uma relação tão apegada que supera todas as minhas expectativas em como seria ter um filho adotivo. Assim, só tenho a dizer que o privilégio da adoção é algo impar que pode transformar a vida de um casal.

CAPÍTULO 8

“MENINA”



Desde que adotamos a Giovanna ela tem uma boneca de pano que dei de presente e que recebeu o nome de “Menina”. A “Menina” é a filha dela. Tudo o que fazemos com ela, desde o carinho até educação e disciplina ela transfere para a Menina. Se dermos bronca na Gigi ela logo pede a Menina e começa a chorar com ela.

Ela conversa muito com a Menina, e a Menina conversa muito com ela, claro que na imaginação dela ou às vezes na voz de um terceiro que no caso sou eu. E ela conversa com a Menina como se estivesse conversando com uma pessoa de verdade. Nunca podemos esquecer a Menina quando saímos. Um dia, estávamos viajando Florianópolis, Santa Catarina e por um descuido nosso esquecemos a Menina dentro do táxi. Ficamos desesperados, pois Giovanna estava dormindo e quando acordasse iria procurar a Menina. Ainda bem que encontrei o telefone do taxista e tive de pagar uma corrida de táxi para uma boneca, difícil de acreditar, mas a menina é quase uma pessoa.

Em outra ocasião, ela perdeu a Menina em um hotel na Bahia. Fiquei tão abalado com o desespero dela que até chorei junto. Ela passava de mesa em mesa e perguntava: “Moço você viu a Menina?” Após algumas horas para nosso alívio a Menina re-

apareceu. Depois disso, passamos sempre a levar uma Menina reserva na mala de viagem.

Como percebemos que a Giovanna desenvolveu sentimentos de uma mãe em relação à Menina passamos a usá-la para muitas coisas. Assim, muitas vezes quando a Giovanna faz algo de errado e precisamos discipliná-la, colocamos a Menina de castigo ao invés dela. Parece que dói mais na Gigi por ser a “Menina” do que se fosse com ela própria.

Sempre tivemos a preocupação de como contar para a Giovanna que ela foi adotada. Talvez seja difícil para uma criança entender essa situação de que não veio da barriga da sua mãe. Percebemos que a Menina seria útil nessa tarefa. Assim, para fazer com que a Giovanna se familiarizar com a adoção, passei a transferir a história dela para a Menina. Começamos dizendo que a Menina morava no Mato Grosso, que ela era bem magrinha e que um dia ela tinha ido até lá e adotou a Menina e passou a cuidar dela. Fazia isso imitando a voz da menina conversando com a Gigi. Um dia a Giovanna perguntou onde tinha nascido e dissemos que foi no Mato Grosso, aí ela olhou para mim e disse que a Menina também. Assim mostramos foto dela magrinha e ela trouxe rapidamente a imagem da Menina para si mesma, o que facilitou a compreensão dela. Isso a ajudou entender suas origens e hoje ela fala com muita naturalidade para as pessoas o fato de ser nossa filha do coração.

A Menina foi ficando velha e por isso foi ganhando irmãs gêmeas e hoje temos uma família de Meninas. Isso auxilia a tarefa quando a

Menina “oficial” está secando no varal. Mesmo assim ela sempre me diz: “Papai, eu só gosto da Menina velha.”

De qualquer modo, já aprendi que viramos mesmo avós da “Menina”.

CAPÍTULO 9

MEU 2º FILHO “CLAUDINHO”

Era mês de março de 2007. A Giovanna estava desenvolvendo-se muito bem. Estávamos muito felizes com tudo isso e até devido a todo trabalho envolvido na criação de filho havíamos optado por não adotar outro, pelo menos por alguns anos. Mas, nosso cadastro em São Paulo continuava ativo e um dia recebemos uma ligação que mudou tudo isso. A assistente social nos informou que nossa vez na fila de espera chegou e que havia um menino num abrigo próximo que poderíamos conhecer, caso desejássemos. Na hora, simplesmente pensei em descartar, pois a Gigi estava com apenas dois anos e ainda estávamos curtindo aquele momento com ela. Porém me deu uma curiosidade de conhecer aquela criança e sugeri à minha esposa para irmos lá, sem qualquer compromisso. E assim o fizemos...

Aquele que já teve a oportunidade de visitar um abrigo infantil sabe como é difícil para os responsáveis por tais lugares lidarem com tantas dificuldades. Eles precisam de muita abnegação para poder atender as necessidades e exigências legais de cuidados que devem prestar às crianças. Assim que se chega num local desses, as crianças simplesmente vêem os nossos braços, pedem colo, carinho e muito mais. Algumas se retraem, mas não são todas. Assim que chegamos, logo tínhamos duas crianças uma em cada braço e outras duas agarradas em cada perna.

De longe fomos informados sobre o nosso prospectivo filho, era um menino de três anos, que havia sido abandonado e tinha

outros irmãos, já em fase de adoção. Aproximamo-nos dele, mas nem olhava para nós de tanta vergonha. Ficamos um tempo tentando arrancar dele um olhar, um sorriso, mas foi em vão. Na saída fomos informados que poderíamos voltar no dia seguinte se quisesse continuar com o processo de aproximação. E assim fizemos, voltamos durante vários dias seguidos e ele sempre ficava muito retraído e nem conversava conosco. Apesar de não conversar, quando chegávamos falava que a mãe e o pai dele estavam chegando. Assim fomos criando vínculo com ele.

O modo como às outras crianças se comportam com um visitante que está fazendo aproximação é interessante. Na segunda vez que fomos ao abrigo elas já falavam que éramos os pais dele. A vontade de que eles têm de sair do abrigo é tanta que até mesmo as demais apóiam a aproximação. Em contra partida, outras têm ciúmes e maltratam aquelas que estão em processo de aproximação. Existem aquelas que pedem que sejamos pais delas também. Isso tudo mexe conosco, até hoje tenho vontade de voltar lá e adotar mais umas três que me marcaram muito.

O processo de aproximação pode levar pouco ou muito tempo, de acordo com os fatores envolvidos. No caso de crianças mais velhas, normalmente estende-se por um período maior, pois a adaptação é mais difícil. Antes da guarda provisória ser autorizada, é preciso que os dois lados, a criança e os pais adotivos, tenham certeza de que se criaram vínculos, evitando assim problemas. Se

os pais conseguirem ir todos os dias, como foi nosso caso, o processo torna-se mais rápido.

Em todos os abrigos que visitei, notei que as crianças não possuem nada exclusivamente dela, pois tudo é coletivo. Se quisermos dar um brinquedo, o ideal é levar o brinquedo e trazê-lo de volta para a próxima visita, pois se deixá-lo lá em seguida ele se perde. As roupas obviamente são transferidas entre elas em conformidade com o crescimento. Os abrigos dependem muito das doações de pessoas para poderem comer coisas diferentes, assim, além das dos mantimentos básicos, guloseimas, sobremesas, frutas e outros itens são sempre bem vindos.

Uma vez que aceitamos iniciar o processo de aproximação passamos a visitá-lo todos os dias e após duas semanas recebemos autorização para trazê-lo no final de semana. A Giovanna acolheu o irmão de forma surpreendente. No primeiro dia que foi visitá-lo ela até o assustou de tanto abraçá-lo. Ela o chamava de irmãozinho e fazia carinho nele. A presença dela ajudou muito, pois em casa ele tinha com quem brincar e para ela também foi excelente porque se tornou mais “criança” uma vez que convivia muito com adultos.

Após cerca de 40 dias entre idas e vindas ao abrigo, finalmente o juiz nos concedeu a guarda provisória do nosso filho, que passamos a chamar de Claudio. Ele gostou do nome. Hoje, depois de pouco mais de um ano conosco, também mudou muito em relação ao que era.

Aquela criança que quase não falava, tinha vergonha e era quieta, em nada se assemelha ao que é hoje. Agora, após um ano e meio da adoção, ele fala muito, tanto que às vezes temos de pedir para falar menos. É muito agitado, e dá um “baile” para dormir, pois quer aproveitar cada minuto para brincar. Gosta de dar respostas “sarcásticas” aos outros e nos divertimos muito com ele.

Enquanto estou escrevendo esse capítulo o Claudinho está com o pé engessado. Um portão caiu no pé dele enquanto brincava com o Scooby, seu cachorro. Bem, o médico disse que ele teria ficar em repouso, mas ele só agüentou poucas horas. Depois disso ele começou a andar e hoje está literalmente correndo de gesso. Desse jeito já descobrimos que nada o segura.

Decidimos dar um cachorro de presente para os dois, mas foi o Claudinho que gostou mais do Scooby, um labrador que hoje tem seis meses e mais parece um touro. Aliás, o cachorro fez muito bem para ele. Ele possuía muito medo de tudo e hoje está mais confiante e seguro. Ele deixa o cachorro morder e brinca demais e sempre está próximo do Scooby quando estamos em casa. Acho que para ele fizemos uma boa escolha. Já a Gigi não aprecia muito um cachorro lambendo ela.

Fico muito feliz por ter adotado o Claudinho também, pois ele completou nossa família. Confesso que foi outro desafio a adaptação, mas a alegria que tenho de vê-los tão unidos é algo que supera tudo isso. Ele durante muito tempo apagou de suas lembranças que um dia havia vivido no abrigo. Quando

mostrávamos as fotos, simplesmente perguntava onde era aquele lugar, mesmo depois de poucos dias de ter saído de lá.

Um dia ele olhou para mim e disse que não gostava de morar naquele lugar, pois não tinha pai e mãe, não tinha um quartinho só para ele e outras coisas mais. Isso me surpreendeu, pois pensava mesmo que ele tivesse se esquecido do tempo que viveu lá, mas na verdade inconscientemente estava se defendendo daquele tempo.

Quando completou um ano que o adotamos, fizemos uma “festinha” para comemorar um ano de vida nova. Ele ficou muito feliz, recebeu seus amiguinhos e seus irmãos biológicos. Até hoje ele pede que mostremos o vídeo da festinha dele.

Sempre o deixamos bem a vontade para poder conversar com seus irmãos biológicos quando quiser. Assim, de tempo em tempo eles se vêem e conversam por telefone. Mas explicamos sempre que cada um tem o seu papai e mamãe. Ele entende, e ficamos felizes com essa relação entre eles. Acho importante que mantenha o contato, pois isso o deixa feliz e será útil no seu futuro evitando que fique apreensivo quanto ao seu passado.

Quando penso em todo o progresso que ele fez em relação ao período que o conhecemos até hoje, fico muito feliz e realizado, pois temos feito um bom trabalho como pais. Os sentimentos que demonstra como filho também é um reflexo de todo o amor que damos. Ver que ele aprendeu a dizer que nos ama e que não

conseguir ficar longe de nós é recompensador. É claro que muitas vezes ficamos cansados com toda a rotina de criar duas crianças da mesma idade, mas, como não canso de dizer, não temos do que reclamar, pois os benefícios superam muito os desafios.

CAPÍTULO 10

O PRECONCEITO EXISTE?

Infelizmente tenho que admitir, algumas pessoas têm preconceito de crianças adotivas. Sei que não é por maldade, mas para alguns parece que estamos criando um extraterrestre. Quando adotei o Claudinho, uma pessoa com quatro filhos me disse admirar a coragem que eu tive de adotar uma segunda criança. É engraçado, pois ela tinha quatro filhos e ninguém achava isso corajoso. Muitas vezes fui indagado se eu não tinha vontade de ter um filho biológico, como se adotivo não fosse filho de verdade. Já a pergunta mais freqüente é sobre ter medo dos meus filhos revoltarem-se futuramente por serem adotados. Bem, o que dizer para pessoas com pensamentos, como esse? Prefiro ignorar.

O preconceito em relação a crianças adotadas tem diversos motivos, na maioria das vezes equivocado. Muitas pensam que a criança pode ficar revoltada com os pais quando souber que não é filho biológico, o que pode facilmente ser evitado contando sempre a verdade. Às vezes, o preconceito pode vir até mesmo de pessoas próximas como parentes. Quando dissemos que adotaríamos outro filho, me lembro que familiares ficaram muito preocupados e ouvimos algumas frases negativas sobre nossa decisão. Hoje, sei que na verdade eles fizeram isso por desconhecer todos os fatores envolvidos e a forma como gostam do meu filho só demonstra que tudo não passou de um comentário equivocado.

Por outro lado, a reação é contrária quando a adoção acontece na prática, há elogio, empatia com a causa, e muitos dizem que gostariam de ter o mesmo privilégio. Elas olham para meus filhos e vêem que são duas crianças maravilhosas e felizes.

Acho engraçado quando alguém sabe que você terá um filho as pessoas elogiam e dizem frases bonitas para a mãe, dando parabéns por isso. Porém, o mesmo não ocorre sempre que você diz para alguém que vai adotar uma criança. A pessoa, muitas vezes olha-te com espanto, como se você tivesse acabado de dizer que decidiu fazer algo errado. Quase sempre fala coisas negativas e diz o quanto é difícil o processo de adoção nesse país, indagam por que eu não experimentei outros tratamentos para ter um filho. Imagine só se eu tivesse dado ouvido a tais comentários, hoje não teria minhas duas crianças que só me dão alegria.

A opção pela adoção, na maioria das vezes, é considerada uma alternativa para aqueles que não puderam conceber seus filhos. Confesso que discuti a primeira vez com minha esposa quando recebemos a notícia de que eu era estéril, mas lembro-me muito bem dos meus 12 anos de idade, eu olhava para as crianças abandonadas e dizia a mim mesmo: Um dia vou adotar uma, sem imaginar que não poderia ter um filho biológico.

Outro grupo de adotantes é composto por aqueles que já possuem filhos, que cresceram e deixaram suas casas. Estes pais muitas vezes chegam à conclusão que podem fazer muito por uma criança dando-lhe um lar e preenchendo o ninho vazio.

Mas, falta ainda citar o grupo de pessoas que adotam crianças por opção, sem terem qualquer restrição para concepção de filhos. Isso é elogiável!

É por esses e outros motivos que afirmo que muitas coisas ainda precisam ser feitas para mudar todo o preconceito que existe. Sempre defendi a idéia da adoção, explicando as pessoas que possuem opiniões negativas sobre esse assunto. Na verdade, tenho um enorme orgulho de dizer que meus filhos são adotivos e mostrar o quanto são alegres e felizes por terem uma família tão maravilhosa. Além disso, sou contra omitir da criança sua origem e ela descobrir a verdade de algum modo apenas quando for adolescente. Acredito que precisamos criar nossos filhos com total transparência, pois isso vai ajudar-nos a enfrentar quaisquer questionamentos futuros.

CAPÍTULO 11

OS DESAFIOS E AS ALEGRIAS DA ADOÇÃO

Um filho adotivo envolve os mesmos desafios que um filho biológico. Mas, alguns detalhes podem tornar uma pouco mais difícil para os pais adotivos. Quanto maior for o filho adotado, tanto maior serão os esforços para adaptação. Uma criança com dois anos, trás maiores traumas do que um recém nascido e estes tendem a aumentar conforme a ela for ficando mais velha e passar mais tempo no abrigo. Com a Giovanna o fator idade não foi preponderante em relação à educação que tivemos de dar a ela. Como foi adotada muito pequena isso contribuiu para a educarmos conforme esperávamos. Porém, adotar crianças recém nascidas é uma tarefa quase impossível nos dias de hoje em virtude da fila de espera.

Enquanto estou escrevendo este capítulo hoje, Claudinho está fazendo um pouco mais de um ano que o adotamos e está completando quatro aninhos de vida. Olhando para um ano atrás, a impressão que tenho é de que se passaram cinco, pois tantas coisas aconteceram, que nem parece que foi só um. Tivemos muitas dificuldades, a maior delas foi nossa adaptação, não por culpa dele, mas porque uma criança com três anos de vida e tão carente, exige muito mais dos seus pais. Minha esposa Ana se sentiu muito sugada. Seria como se ele quisesse compensar a falta de uma mãe nos seus primeiros três anos de vida em apenas um ano.

Ao que parece o sonho do Claudinho era ter uma mãe. Provavelmente ele achava que a Ana era somente dele. Isso a esgotou um pouco. Por vezes até a sua privacidade era limitada, por ele querer passar a maior parte do tempo ao lado dela. No início, passamos meses sem termos tempo para sairmos sozinhos, porém no dia específico que programamos fazer um passeio como casal ele começou a gritar pela mamãe quando percebeu que sairíamos. Aquilo partiu nosso coração, pois fiquei com muito remorso, lembrei de seu passado e desisti de sair.

Hoje, posso afirmar que tudo isso melhorou muito e são poucos os problemas que temos nesse sentido.

No entanto, aprendi que independente das necessidades de cuidados dos filhos, quer sejam eles biológicos ou adotados, os casais devem preservar um tempo a sós. Se dedicarmos somente nosso tempo e esforços por nossos filhos, a relação entre o casal pode ser afetada, por isso sempre programamos atividades a dois. Isso contribui para mantermos a unidade, o amor e a chama do casamento.

Criar dois filhos com idade tão próxima é um desafio dobrado. É comparável com a criação de gêmeos, pois ambos dão trabalho semelhante. Estão na mesma classe, tem e o mesmo tamanho e brincam sempre juntos. No entanto, as diferenças entre eles são evidentes. Fisicamente eles parecem muito um com o outro, tanto que quando andam de mãos dadas no shopping, não é incomum as pessoas nos perguntarem se são gêmeos. Em outros aspectos

são bem diferentes, os horários de acordar e dormir, personalidade e habilidades pessoais desenvolvidas. Do ponto de vista de desenvolvimento social, a Giovanna que foi criada por nós desde bebê, apresenta um avanço em relação ao Claudio, o que é justificável, pois quanto mais tempo se permanece no abrigo mais atraso normalmente apresentará. Já o Claudio, apresenta uma habilidade motora muito maior, tendo facilidade para desempenhar atividades ao ar livre e esportes, além de uma memória fotográfica muito mais aguçada.

Os pais adotivos devem ter conhecimento do papel que desempenham na formação dos filhos, especialmente devido ao início da vida deles. Assim, temos de auxiliar quando tem, por exemplo, dificuldades de expressar afeto. Como se a não soubessem o que é amar um pai e mãe. Os pais precisam construir uma relação de carinho com ela, através de ações que demonstre o que é amar. Por abraçarem, conversarem, brincarem e investirem seu tempo com eles e acima de tudo por não pressioná-los com expectativas exageradas sobre o que podem oferecer, com o tempo eles desenvolverão laços afetivos. Uma criança que nunca recebeu afeto materno, provavelmente levará certo tempo para demonstrar através de suas ações e palavras o que fazemos por ela.

Do mesmo modo, a insegurança da criança é muito comum, se foram vítimas de abandono, elas tendem a sentir enorme medo de serem novamente abandonadas. Precisamos plantar em suas

mentes, que a partir de agora elas têm uma família e podem ter a certeza de que essa família é duradoura. Assim, defendo a idéia que o casal deve estar plenamente estruturado no casamento antes de adotar uma criança, pois permitir que ela que já foi abandonada tenha de conviver com uma família partida é muito triste.

Pequenas ações e palavras podem ajudar na construção dessa segurança na criança. Os pais devem explicar a ela que terão de sair, mas voltam para casa e ao voltarem reafirmar que sempre voltarão. Devem também afirmar que estão muito felizes por eles serem seus filhos, pois isso fortalece o amor que desenvolvem por nós. Também acho importante conversar a respeito do tempo que passou no abrigo, que em alguns casos duraram anos, e assim explicar para a criança que isso já faz parte do passado.

Nos dois processos de adoção, nossos filhos não tiveram nenhuma dificuldade de adaptação. Confesso que soa muito estranho receber um novo membro em nossa casa e apresentar-lhe a partir daquele dia seu novo quarto, banheiro e nova família. Do ponto de vista de uma criança que nunca teve nada, qualquer coisa que ofertarmos, provavelmente é mais do que já lhe foi oferecido na vida. Portanto, as crianças quando adotadas não têm tanta dificuldade de adaptar-se a sua nova família.

Talvez a maior dificuldade de adaptação se dê em casos onde há separação entre irmãos, quando são adotados por famílias diferentes. Nestes casos eles têm dificuldades de entenderem o

porquê todos não podem ir para a mesma casa. Isso ocorreu conosco, pois nosso segundo filho tem dois irmãos que foram adotados por outro casal. Como lidar com tal situação? Cada casal deverá definir a melhor alternativa para a criança, optamos por ele poder manter contato com os seus irmãos. Lembro-me de quando repreendemos o Claudinho por algo errado que tinha feito ele virou-se para nós e disse que ia para a casa da irmã dele. Prontamente, separei algumas roupinhas dele e peguei-o pelo braço e disse: “Então vou te levar para a casa da sua irmã.” Na escada ele começou a chorar e pediu desculpas. Nem preciso dizer que foi a última vez que fez isso. Apesar de saber que ele já sofreu muito na vida, não posso permitir que ele diga ou faça o que acha quer, por isso, temos de deixar claro para os filhos a autoridade dos pais.

A maior dificuldade de adaptação numa adoção é dos pais adotivos. Em geral não há muito tempo para se prepararem para a criação de um filho, como ocorre quando uma mãe engravida e passam-se nove meses até o parto. No caso da Gigi, tivemos 36 horas para isso, o que confesso que foi uma mudança radical em nossas vidas. Minha esposa, por exemplo, teve de deixar o serviço de um dia para o outro e eu tive de mudar toda a minha rotina que envolvia uma carga excessiva de trabalho para outra com mais tempo para a família. Não tínhamos experiência nenhuma com crianças e de um dia para o outro eu estava preparando mamadeira e trocando fraldas. Costumo dizer que eu dormi uma noite e acordei pai.

Como nossa filha apresentava um quadro avançado de desnutrição tinha peso e corpo de recém nascida aos cinco meses de idade, mas nos primeiros dois meses ganhou 75 gramas por dia em média, o que fez com que as suas roupas fossem perdidas em apenas alguns dias. Ficava impressionado ao ver minha filha mamar a cada duas horas de tanta fome que ela tinha. Aliás, saber que ela passou tanta fome nos seus primeiros meses de vida ainda me emociona.

Quando olho para meus filhos noto que muitas coisas continuam iguais, O Claudio quando chora, faz exatamente como fazia antes da adoção, como se não tivesse perdido suas origens. Já a Giovanna faz o mesmo biquinho de quando chorava no tempo em que ainda passava fome. Essas pequenas coisas servem para lembrar-me suas origens e lutar para dar a eles um futuro bem diferente do que teriam sem que fossem adotados por nós.

Quando adotamos o Claudinho ficamos um pouco perdidos em relação a pequenos detalhes da nossa rotina e intimidade. Ficávamos por exemplo preocupados se podíamos repreendê-lo quando fizesse algo errado e até se podíamos trocar de roupa em sua frente. Mas até nisso ele foi maravilhoso, para ele as coisas pareciam tão normais que passamos a enxergar que eram na verdade “neuras” nossas, que não o incomodava. Assim, a melhor coisa a fazer é ser o mais natural possível.

O desafio de adotar, criar, educar e construir um futuro de uma criança não é uma tarefa fácil de cumprir. Mas se por um lado o

desafio é grande, as alegrias são mais compensadoras. Sem se dar conta disso, nossos filhos nos dão enorme alegria, através de gestos, olhares e pequenas palavras. Quantas vezes ouvi frases do tipo: “Pai te amo tanto que até dói meu coração”, “Pai, você é maravilhoso” e assim vai.

Olhando para tudo aquilo que aprendi com meus filhos, sinto que tenha ganhado mais por tê-los adotados do que eles por terem-me como pai. Observar o progresso deles em todos os sentidos é mais do que gratificante. Isso engrandece uma pessoa, pois dá a certeza do dever cumprido. Não sei o que seria da minha vida hoje se não tivesse tomado à decisão de adotá-los, mas tenho certeza de que eles preenchem minha vida mais que tudo.

Nunca tive um filho biológico e, portanto, não sei descrever as diferenças entre o biológico e o adotivo, mas sei que nem sempre um filho concebido é uma escolha. Muitas mães simplesmente engravidam por acidente e têm que cuidar dos seus filhos depois que nascem. Já um filho adotivo é sempre planejado. Podemos decidir se vamos ou não adotá-lo, pois depois que nos convidam a conhecê-lo temos a opção de decidir entre ficar ou não com ele. Em minhas idas e vindas nos abrigos de crianças tive a oportunidade de conhecer algumas com três anos de idade, onde mais de dez pais visitaram-nas a convite do fórum e decidiram não adotá-las. Até descobri que muitos responsáveis por abrigos não dizem que determinada criança foi acompanhada por outros casais anteriormente para não deixá-los indecisos. De qualquer modo, a

adoção é uma facultativa e, portanto torna-a como um ato muito nobre.

Quando penso nas circunstâncias em que conseguimos adotá-los, penso que fomos privilegiados, pois além de duas crianças maravilhosas, sem qualquer problema de saúde salvo aqueles comuns como alergias, por exemplo. Nem sempre as coisas são assim, normalmente as crianças necessitam no mínimo de cuidados psicológicos, por todos os traumas sofridos. Ainda assim, os relatos dos pais adotivos superam em muito os desafios enfrentados na adoção.

Acredito que no momento que nossos filhos adquirirem maturidade suficiente para entender o processo na qual passaram, reconhecerão tudo o que fizemos, mesmo assim faz parte do nosso projeto de educação enfatizar isso. Procuo por exemplo levá-los em locais onde vivem pessoas de baixíssima renda e mostrar o outro lado da vida para que não tenham a impressão que o mundo gira em função deles. Certa vez nosso filho fez certos comentários na escolhinha sobre seus brinquedos e o quartinho que possui, desmerecendo o de um amiguinho. Prontamente o corrigimos para que pudesse entender que o fato de possuir essas coisas não o tornava diferente dele.

O tempo passa rápido, portanto devemos aproveitá-lo da melhor maneira com eles e assim não sofrer de arrependimento no futuro. Aquilo que não vimos passar ou deixamos de registrar, simplesmente se perde e não se recupera mais. Por isso, procuro

gastar meu tempo com eles, nem que seja para algo trivial como assistir TV.

Um dia quando minha filha ainda era bem pequenininha fiz um poema para ela no qual acredito que representa um resumo de tudo que sinto em relação às alegrias que recebo de meus filhos, no qual compartilho com vocês e termino esse livro:

O PAI ADOTIVO

“Sempre pensei que todos os dias podem ser apenas um dia como qualquer outro, mas um telefonema podia mudar tudo, aliás, não só um dia, mas todos os dias que se seguiriam então.

Sempre pensei que a oportunidade surgiria no tempo certo. O que não pensei é que junto com ela surgiriam também incertezas e a sensação de não se saber mais nada sobre o que pode vir a acontecer.

Sempre pensei que oito anos foram uma espera longa para um sonho, mas descobri que um único dia pode parecer mais longo do que tantos anos.

Sempre pensei que objetivo é determinação, e determinação é coragem, mas descobri que coragem é tudo que se precisa num momento desse.

Sempre sonhei com o dia em que veria meu filho nascer. Mas o que não sabia era que um filho pode nascer para um pai já tendo cinco meses.

Sempre pensei sobre como seria passar nove meses treinando sobre como ser ou tornar-se um pai, mas o que eu não sabia é que se pode acordar um dia e descobrir que já é pai.

Sempre pensei que existia um manual sobre o que um pai deve fazer, mas descobri que o manual está dentro de nós mesmos e que um dia simplesmente sabemos tudo o que deve ser feito.

Sempre pensei que chegaria o dia em que seríamos apresentados, o que não pensei é que uma frase ecoaria na minha mente sem que pudesse esquecer: “E essa é sua” Foi nesse momento que compreendi que tudo realmente tinha mudado e que toda a espera fez sentido.

Sempre pensei sobre como as pessoas são engraçadas. Todos olham para você e pensam que sua vida é perfeita e que não lhe

falta nada. Pensam que dor sente somente quem perdeu e não quem nunca teve. E assim deixam de enxergar o vazio dentro daquele que simplesmente quer ouvir: “papai”.

Sempre pensei que na vida a todo o momento tiramos novas lições. Estava certo, pois:

- Aprendi que o filho está no coração
- Aprendi que se pode passar o dia todo pensando simplesmente no momento de chegar em casa e ver um sorriso.
- Aprendi que não existe esforço que não valha à pena.
- Aprendi que por mais que imaginemos que amamos alguém, notamos que surge alguém que amamos ainda mais.
- Aprendi que a adoção não é um gesto de amor para uma criança e sim o gesto de amor de uma criança para seus pais.
- “Aprendi, por fim, a maior de todas as lições, de que não fui eu quem adotou a Gigi e Claudinho como filhos e sim eles que me adotaram como pai.”

Fale com o autor: www.andersonhernandes.com.br

E-mail: anderson@hernandes.com.br